

José Marques

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

*Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias: obra histórica**

Tal como as pessoas bem formadas, também as instituições estão obrigadas ao dever de gratidão para com aqueles que dedicadamente as servem.

A Faculdade de Letras do Porto, que, já tantas vezes, tem cumprido, exemplarmente, este honroso e dignificante dever, acolhe, calorosamente, neste acto solene, quantos vieram associar-se à justíssima homenagem que hoje presta ao Sr. Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias, através dos Departamentos de História e de Ciências e Técnicas do Património, que tanto beneficiaram da exemplaridade da sua presença e da sua excelente colaboração docente e científica.

Quiseram os organizadores desta homenagem proporcionar-me a oportunidade de a ela me associar de forma activa, gesto que agradeço, embora reconheça que outros o poderiam fazer com maior brilho e mais vigor, sendo-me grato afirmar que, não obstante as minhas limitações no plano da oratória, aceitei sem qualquer reserva, pela muita estima e admiração que tenho por este Colega e Amigo, que, desde já, saúdo e felicito.

Não é possível apresentar, em breves minutos, a biografia do Prof. José Amadeu Coelho Dias e a extensa e importante obra histórica até agora levantada, que todos desejamos continue a ampliar por longos anos. Apesar disso, o facto de esta intervenção ter lugar imediatamente antes da abertura da exposição da sua bibliografia activa exige que aponte, com a necessária brevidade e clareza, as áreas especialmente privilegiadas pela investigação e produção histórica do nosso homenageado.

* Intervenção proferida aquando da sessão solene de homenagem, realizada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 6 de Dezembro de 2004.

Não obstante a mencionada angústia de tempo, antes de proceder à análise da sua obra, impõe-se recordar alguns aspectos biográficos, não para comprazer com alguma curiosidade, legítima e compreensível, mas porque estamos perante um caso exemplar, em que a biografia do autor e a preparação científica adquirida antes de iniciar o Curso de História e funções docentes nesta Faculdade, acabaram por ter um peso determinante e gravar uma marca indelével, muito positiva, em toda a sua obra.

Nascido em S. Tiago de Lordelo, Guimarães, 17 de Setembro de 1934, frequentou os estudos humanísticos e filosófico-teológicos no Mosteiro de Singeverga, onde professou como monge beneditino, em 1 de Outubro de 1951, sendo ordenado sacerdote, em 3 de Agosto de 1958. Nesse mesmo ano, foi enviado para Roma, onde, em 1960, concluiu a licenciatura em Teologia, no Pontifício Ateneu de Santo Anselmo, com 18 valores. De seguida, frequentou o Pontifício Instituto Bíblico, em Roma, e o estágio bíblico-arqueológico no «*Studium Biblicum Franciscanum*», em Jerusalém, em 1961-1962.

Tendo regressado a Portugal, entre as diversas funções que lhe foram confiadas dentro da Ordem de S. Bento, salientamos a de Prior-Administrador do Mosteiro de Singeverga, após a demissão do Abade vitalício, a de professor no Colégio e Escola Teológica de Singerverga e a de Director do Colégio de Lamego.

Em 1976 – quando a vida académica começava a entrar na normalidade – matriculou-se no Curso de História desta Faculdade, onde se licenciou, em 1981, com 16 valores, aqui se tendo doutorado, em 29 de Abril de 1994, com a mais alta classificação de «*aprovado por unanimidade, com distinção e louvor*».

Pelos elementos acima mencionados, verifica-se que, ao inscrever-se como aluno nesta Faculdade, Frei Geraldo, aparentemente um aluno como qualquer outro, na realidade era um aluno muito diferente, pela vasta e sólida preparação específica de que já dispunha, que muitos colegas e até professores não podiam avaliar em toda a sua riqueza e extensão. Para além da excelente preparação teológica e bíblica, adquiridas em Roma e na Palestina, e do domínio do francês, inglês e alemão, possuía também o do latim, do grego e do hebraico, absolutamente indispensáveis nas áreas dos estudos bíblicos e teológicos.

Com esta preparação, a que acrescia a do Curso de História, estava naturalmente indicado para reger as disciplinas a que esteve sempre ligado: *História Comparada das Religiões, Epigrafia e Numismática, Teoria das Fontes e Proble-mática do Saber Histórico, Civilizações Pré-clássicas, Instituições e Documentos e Cultura e Língua Hebraica*.

Quando iniciou a actividade lectiva nesta Faculdade, o então Assistente, José Amadeu Coelho Dias – ou, simplesmente, Frei Geraldo, como é geralmente conhecido –, tinha já uma larga experiência docente, que, associada à sua grande facilidade de expressão e ao interesse dos programas apresentados, logo lhe conquistaram a admiração dos alunos que enchiam, com agrado, as suas aulas.

Deste leque de disciplinas, merece particular referência a *História Comparada das Religiões*, em que o Professor Coelho Dias, expondo e comparando os conceitos com o rigor e clareza do teólogo, sabia estabelecer as semelhanças e diferenças, levando os alunos a reflectirem com entusiasmo sobre estas matérias, a ponto de sacudirem a crónica alergia que, por vezes, muitos manifestam em relação a assuntos de História e de Religião. A estima com que, frequentemente, muitos antigos alunos evocam as aulas de Frei Geraldo, são a melhor prova da harmonia perfeita entre a competência do Professor, as suas qualidades pedagógicas e o excelente relacionamento com os alunos, que não o esquecem.

Neste momento, prescindindo de muitos outros aspectos do *curriculum* académico do Prof. José Amadeu Coelho Dias, como a participação, com comunicação, em numerosos congressos e colóquios, em Portugal e no estrangeiro, desde a antiga União Soviética ao Brasil e por quase toda a Europa, e a sua integração em júris de provas académicas, importa, sobretudo apresentar as diversas áreas do saber que privilegiou na sua investigação, materializada em mais de cento e oitenta estudos, publicados em livros ou dispersos em, pelo menos, trinta e cinco revistas nacionais e estrangeiras e muitas outras publicações.

No intuito de fazer passar perante V.^{as} Ex.^{as} os principais centros de interesse da investigação realizada por Frei Geraldo, foi necessário agrupar os seus numerosos estudos segundo as respectivas afinidades temáticas, que passo a apresentar, sem qualquer preocupação de ordem temática ou cronológica, previamente estabelecida.

Começando pelos estudos dedicados às civilizações pré-clássicas, em que avulta a sua tese de doutoramento, intitulada *Hebreus e Filisteus na terra de Canaã. Nos pródromos da questão palestiniana*¹, em 2 vols., defendida publicamente, em 29 de Abril de 1994, vem a propósito observar que foi a primeira – e até agora a única – dissertação elaborada e defendida no âmbito das Civilizações Pré-clássicas, nesta Faculdade, abrindo-lhe a possibilidade de posteriormente se apresentar a provas de agregação.

O simples título desta dissertação, em si mesmo, talvez diga pouco a muitas pessoas, mas ganhará interesse, se atendermos a que a segunda parte do mesmo polariza os primórdios mais remotos e a explicação da interminável guerra que continua a travar-se pela posse das terras da Palestina, globalmente, coincidentes com a antiga terra de Canaã, desde os princípios do século XII a. C., disputada por Hebreus e Filisteus.

¹ Vols, I e II, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), 1993. (Inédita).

Nos casos seguintes, dispensar-nos-emos de repetir o nome do Autor, bem como os títulos das obras, expressos no texto, limitando-nos, por isso, a indicar, em rodapé, os elementos das referências bibliográficas necessários à identificação das mesmas.

Povos invasores, de todos conhecidos pela Bíblia, as suas campanhas bélicas pela posse desta terra, decorreram num período coincidente com as invasões dos chamados «*Povos do mar*», que devastaram as áreas e civilizações do Mediterrâneo oriental e do próximo Oriente, sendo, por isso, acusados e responsabilizados pela decadência e extinção da civilização do Bronze Tardio (Recente ou Final), abrindo, assim, o caminho à nova civilização do Ferro inicial.

Não se trata de uma tese de Arqueologia, mesmo que o autor tenha incorporado os contributos mais recentes e adequados ao tratamento deste tema. Particularmente interessante é, no entanto, a explicação sobre a origem e proveniência destes povos, e sobre a interpretação das expressões «*Grande Verde*» e «*Ilhas no meio do Grande Verde*»², referidas nos textos, expressões utilizadas como designativos de origem do Mediterrâneo Oriental ou do seu mero aparecimento nas ilhas do Delta do Nilo, donde preparariam o assalto às terras e povos mais próximos. De grande interesse são os capítulos dedicados à análise da instalação dos Hebreus, em Canaã, segundo o livro de Josué, mas, agora, observada à luz dos dados científicos da Arqueologia, aspecto que obriga a rever criticamente a leitura dos relatos bíblicos, numa dimensão mais próxima da realidade. Por sua vez, quanto aos Filisteus, que os textos bíblicos mencionam como instalados no sul de Canaã, note-se que representaram um forte obstáculo ao povo hebreu e respectiva cultura, que diversas vezes teve de se defrontar com eles.

Sendo os Filisteus considerados como um dos «*Povos do Mar*» chegados no tempo de Ramsés III (1198-1166 a. C.), mencionados nos textos bíblicos e egípcios, conhecem-se alguns aspectos da sua cultura material, nomeadamente: cerâmica, selos bastante primitivos e raros lugares do culto. Por tudo isto, embora se trate de um povo devidamente identificado, subsistem ainda muitos pontos escuros da sua história³.

Além da dissertação de doutoramento, o Prof. Coelho Dias publicou também outros estudos com incidência no âmbito do estudo das Civilizações Pré-clássicas, como: «*Filisteus em Canaã, uma culutura desaparecida?*»⁴ (1990), «*Os Povos do Mar*» e a «*Idade Obscura*» no Médio Oriente⁵ (1991) e «*Penetração e presença do Egípto em terras de Canaã*»⁶ (1992).

Encerro este ponto afirmando, de acordo com o que mais acima ficou exposto, que estes estudos não teriam sido possíveis sem a preparação bíblica que o

² O. c., vol. I, pp. 213 e ss.

³ O. c., vol. p. 298.

⁴ In «*Cadmo*», 1, 1991, pp.145-153 e in «*Actas do III Simpósio Bíblico Espanhol, I Luso-Espanhob*», Valência-Lisboa, 1991, pp. 105-116. Publ. tb. in «*Didaskalia*», Lisboa, ano XX, 1991, pp.199-210.

⁵ In «*Cadmo*», Lisboa, 1, 1992, pp. 145-153.

⁶ In *Actas do Colóquio Internacional: Sociedade, Religião e Literatura no Próximo Oriente Antigo*, «*Cadmo*», Lisboa, Instituto Oriental da FLUL, 10, 2000, pp.111-121.

seu autor possuía, ideia que será necessariamente reiterada a propósito de outras áreas da sua investigação.

À distância de mais de dois mil e quinhentos anos, Frei Geraldo ocupou-se também de uma pequena parcela do Povo de Israel na diáspora, que, sobretudo, a partir do século XIII se foi introduzindo de forma visível no território português, contribuindo, assim, para um melhor conhecimento das minorias étnicas e religiosas em Portugal, nos finais da Idade Média. Recordaremos, entre outros, apenas três estudos:

- o primeiro, *Uma relíquia epigráfica dos Judeus de Braga*⁷ (1982), em que, após uma síntese sobre os judeus em Portugal e em Braga, procede à leitura da breve inscrição hebraica da antiga sinagoga da Judiaria Nova de Braga, transferida para a actual rua de Santo António das Travessas – designação toponímica posterior à expulsão dos judeus decretada por D. Manuel I;

- o segundo, que sintetiza um conjunto de *Vestígios de presença judaica no Porto*⁸, de que saliento apenas a célebre inscrição de Monchique, que transcreveu, traduziu e comparou com a tradução de Samuel Schwarz, asseverando, entretanto, maior fidelidade literal;

- e, por fim, um terceiro intitulado *O Cabido da Sé do Porto e a comuna do Judeus. Por uma dobra e um açougue*⁹. Trata-se de um interessante artigo, em que, a partir de um contrato de aforamento feito pelo Cabido a diversos membros da comuna dos judeus, de uma composição e de duas sentenças – uma a favor do Cabido da Sé, outra a favor da Colegiada de Cedofeita – estuda não só as relações da comuna judaica com estas duas instituições cristãs da cidade do Porto, mas também aspectos da vida interna da comuna, intimamente ligados à sua mentalidade religiosa, concretamente, quanto ao abate dos animais, pelo que não se furtaram a sacrifícios monetários para poderem dispor de açougue próprio, dentro da judiaria.

Antes de se licenciar em História e de iniciar a docência universitária, Frei Geraldo já era teólogo e biblista, especialidades que o ensino e investigação histórica não sufocaram, bem pelo contrário, tendo encontrado tempo para colaborar em revistas da especialidade sobre temas bíblicos e teológicos de candente actualidade, podendo servir de exemplos os estudos sobre *Messianismo e Milenarismo na Bíblia*, com que participou na XIX Semana Bíblica Nacional, publicado na revista «*Bíblica*». Série Científica (Dez. 1996)¹⁰, *O labirinto milenarista: medos do*

⁷ In «*Mínia*», Braga, 2.ª série, ano V, n. 5 (6), 1982, pp. 38-56.

⁸ In «*Arqueologia*», Porto, 10, 1984, pp. 5056.

⁹ In «*Humanística e Teologia*», Porto, Tomo IV, fasc. 3, Setembro-Dezembro de 1983, pp. 321-358.

¹⁰ In «*Bíblica*». Série Científica, ano IV, Dezembro 1996, n.º 5, pp. 3-18.

passado, desafios do futuro (1998), *Milenarismo e os comentários ao Apocalipse de Brás Viegas, S. J. († 1599)*¹¹ (1999). Não obstante a impossibilidade de resumir e comentar o essencial destes estudos, em que, após a análise das passagens vetero-testamentárias, que fundamentam o *Messianismo* judaico, e das do Novo Testamento, em que radica a expectativa cristã do regresso de Cristo no fim dos tempos, fundamenta a esperança cristã na promessa de Cristo: – «*Não vos deixarei órfãos: voltarei para vós*» (Jo 14, 18), apontando a expectativa do reencontro dos cristãos com Cristo, senhor do tempo e da história, como a chave mais eficaz ou se pretendermos, os desafios para vencermos os medos do nosso tempo, tal como os nossos antepassados venceram temores bem mais graves, em condições mais difíceis. Esta mesma mensagem de esperança passou para subtítulo de uma nova versão do mencionado estudo com a seguinte formulação: *Messianismo e Milenarismo – símbolos reversíveis de esperança e de medo*¹². Pelo seu interesse e significado, é necessário citar, neste momento, mais este sugestivo estudo da sua autoria *Do sacrifício de Isaac a uma nova teoria do sacrifício*¹³, que remonta ao ano de 1986.

A marca da sólida preparação do teólogo e biblista perpassa na colectânea *Religião e Simbólica. O Sonho da Escada de Jacob*¹⁴, em que reuniu dezasseis estudos realizados – alguns proferidos como conferências – sobretudo no âmbito das disciplinas de História Comparada das Religiões e da Bíblia e Simbólica, esta leccionada na Escola das Artes da Universidade Católica, Centro do Porto, todos eles solidamente fundamentados em referências bíblicas, na Patrística e em doutores da Igreja, sem esquecer, quando necessário, o recurso à História.

Estudos feitos a pensar, prioritariamente nos seus alunos, foi também em jeito de continuidade do mesmo magistério que os destinou aos seus antigos alunos, dizendo textualmente: – «... *para os actuais alunos e para os muitos antigos, que durante vinte anos tiveram a paciência e o interesse de me ouvir e agora são também eles docentes e formadores da juventude, a todos esses queria dizer que é com a alegria de poder ser útil que entrego nas suas mãos esse trabalho tardio da minha colmeia mental*»¹⁵.

E não se pense que o Prof. Geraldo Coelho recorria à *Sagrada Escritura* apenas para fundamentar estudos como *Origem medieval do compasso – visita pascal. A bênção das casas*¹⁶, tradicional em todo o Minho (1992), porque foi

¹¹ In «Humanística e Teologia», Porto, 19, 1999, pp. 101-118.

¹² In *Religião e simbólica...*, 2001, pp. 125-147.

¹³ 2 vols, Porto, ed. do Autor, 1986. Trabalho de síntese para prestação de Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. (Policopiada).

¹⁴ Porto, Granito, Editores e Livreros, 2001. Edição patrocinada pelo Mosteiro de Singeverga.

¹⁵ In *Religião e simbólica...*, p. 14.

¹⁶ In «Lusitânia Sacra», Lisboa, 2.ª Série, n.º 4, 1992, pp.-83-98.

mais longe, intitulado um dos seus estudos posteriores *As festas na Bíblia*¹⁷, com particular incidência nas do Velho Testamento.

Na mesma linha de investigação se integra a sua participação, na XVIII Semana Bíblica Nacional, subordinada ao título *Do Sábado ao Domingo*¹⁸, cuja primeira parte versa sobre *O Sábado: O descanso é para a festa*, passando, de imediato, à caracterização das festas na Bíblia, e a segunda *Do Sábado Judaico ao Domingo Cristão*, bastando afirmar que as suas afirmações são justificadas com as respectivas referências escriturísticas.

E a série de seus estudos bíblicos continua com *O clamor dos pobres nos Profetas e o «Messias dos Pobres»*¹⁹, «*Felizes os que choram porque serão Conso-lados*»²⁰, a que devemos acrescentar *Os Patriarcas. As origens de um Povo*²¹. E a forte componente escriturística está igualmente patente em estudos relacionados com o monaquismo feminino, de que são expressivo exemplo as *Perspectivas bí-blicas da mulher e monaquismo medieval feminino*²², publicado na «Revista da Faculdade de Letras. História», em 1995, que contrapõe a imagem da mulher, vista à luz da fé, à imagem pessoa na das mães e das noivas chorosas perante as tragédias causadas pelo mar salgado das descobertas, deixando, ao mesmo tempo, entrever a fragilidade de muitos estudos relativos à história da mulher, que por aí correm, sem a devida fundamentação.

Note-se que esta série de estudos não o impediu de participar em numerosas actividades científicas e culturais, organizadas pela Faculdade a que estava ligado ou em que os seus docentes eram convidados a participar, sendo fácil detectar um novo pólo de investigação, centrado em temas marianos, que o levou a redigir as *Coordenadas do Culto Mariano*²³ para o catálogo da exposição efectuada em Arouca, a que se seguiram os estudos de âmbito regional muito preciso, como *Arquétipos do culto Mariano em Terras de Arouca*²⁴, intervenção efectuada na abertura da exposição mariana realizada em Arouca, em 1988, mas só publicada no n.º 1 da revista «Rurália», em 1990, e *Um certo Porto devoto no Porto do Liberalismo. A Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria*²⁵, a que se seguiram outros de carácter nacional, nomeadamente, *A devoção do Povo Português nos tempos*

¹⁷ In «Theologica», Braga, 2.ª Série, 31, 2, 1996, pp. 245-260.

¹⁸ In «Bíblica. Série Científica», Lisboa, Ano III, n.º 4, Novembro, 1995, pp.13-26.

¹⁹ In «*Os pobres na Bíblia e na vida de hoje: XII Semana Bíblica Nacional*», Lisboa, Difusora Bíblica, 1990, pp. 73-96.

²⁰ In «Communio. Revista Internacional Católica», Ano VIII, n.º 5, 1991, pp. 4-411.

²¹ In «*Génesis: do sonho à esperança da Terra Prometida*», Lisboa, Difusora Bíblica, 1987, pp. 131-152.

²² In «Revista da Faculdade de Letras. História», Porto, II Série, vol. XII, 1995, pp. 9-45.

²³ In *Nossa Senhora na devoção do Povo de Arouca*, pp. 18-21.

²⁴ In «*Rurália*», I, Arouca. Conjunto Etnográfico de Moldes, 1990, pp. 21-33.

²⁵ In «*Humanística e Teologia*», Porto, 14, 1992, pp. 383-392.

modernos (1987), *Nossa Senhora na devoção popular dos séculos XIX e XX em Portugal*²⁶, expressamente elaborado para o Congresso Mariológico-Mariano, realizado no Santuário Mariano de Kevelaer (Alemanha). Nesta linha dos estudos dedicados à temática do culto e devoção insere-se *O culto popular de São Bento: uma forma de terapêutica religiosa*²⁷, que estabelece a ligação com o sector da religiosidade popular, que Frei Geraldo Coelho analisou em vários estudos, de que basta salientar *Religiosidade popular e seus arquétipos fundamentais no concelho de Barcelos*²⁸, *Religiosidade popular e devoção das gentes do mar em Esposende*²⁹, *A Maia, o povo e a religião*³⁰ e *A Religião dos pescadores portugueses*³¹ para se verificar a profundidade e elevação com que tratou estes assuntos.

Se este conjunto de artigos patenteia uma das áreas que o homenageado tão bem desenvolveu, não podemos perder de vista a forte ligação que mantém com a sua terra natal, Lordelo, de que elaborou uma monografia, que despretensiosamente designou *Santiago de Lordelo. Concelho de Guimarães. Roteiro histórico da freguesia*³².

Idêntica ligação conserva com a Vila das Aves, onde já proferiu e publicou mais de uma dúzia de conferências, integradas na Jornadas Culturais anuais, aí realizadas, tendo desenvolvido os mais variados temas, sobre património construído, como é o caso d'*A Capela da Seca e a devoção a Nossa Senhora*³³, *Da Fábrica do “Rio Vizela” à Paróquia de S. Miguel de Vizela*³⁴, *Paróquia e cultura em Vila das Aves*³⁵, *Tolerância – o Homem, a Igreja e as seitas*³⁶, *A Cruz de Cristo e os cruzeiros da Vila das Aves*³⁷, ou mesmo para homenagear o *Conde de São Bento*³⁸, *Os Garrett's em São Miguel das Aves*³⁹, devendo o elenco de temas desenvolvidos nestas conferências ser enriquecido com outras de cariz mais erudito, como A

²⁶ In *De Culto Mariano Saeculis XIX-XX. Acta Congressus Mariologici-Mariani Internationalis In Sanctuario Mariano Kevekaer (Germânia) anno 1987 celebrati*. Vol. VI. *De Cultu Mariano saeculis XIX et XX usque ad Concilium Vaticanum II apud varias nationes*. Pars altera. Extractum. Romae, Pontificia Academia Mariana Internationalis, 1991, pp. 1-22.

²⁷ In «Revista da Faculdade de Letras. História», Porto, II Série, vol. X, 1993, pp. 233-244.

²⁸ In «Revista de Barcelos», 2.ª Série, 5, 1994, pp. 39-64.

²⁹ In «Portugália», Instituto de Arqueologia da FLUP. Nova Série, XVII-XVIII, 1996-1997, pp. 245-254.

³⁰ In «Actas do Congresso Cultura Popular», I, Maia: Câmara Municipal, 2000, pp. 97-105.

³¹ In «Oceanos», Lisboa, 47/48, 2001, pp. 114-134.

³² Lordelo. Edição da Comissão das Festas de S. Tiago, 1988, 129 p.

³³ In *Undécimas Jornadas Culturais de Vila das Aves*, 1997, pp. 89-133.

³⁴ In *Décimas Jornadas Culturais de Vila das Aves*, 1996, pp. 231-273.

³⁵ In *As duas primeiras Jornadas Culturais de Vila das Aves em 1987 e 1988*, pp. 11-29.

³⁶ In *Nonas Jornadas Culturais de Vila das Aves*, 1995.

³⁷ In *XIII Jornada Culturais de Vila das Aves*, 1999, pp. 97-130.

³⁸ In *Sextas Jornadas Culturais de Vila das Aves* [1992], pp. 99-137.

³⁹ In *Duodécimas Jornadas Culturais de Vila das Aves*, 1998, pp. 201-233.

*sabedoria dos mais velhos: a Revelação Bíblica e a Solidariedade Humana*⁴⁰ ou, ainda, *Morte certa – hora incerta*⁴¹.

Tal como fez para a sua paróquia natal, também dotou a Vila das Aves – com o seguinte estudo *Vila das Aves – História da Paróquia e sua toponímia*⁴².

A sua participação, anualmente, nestas actividades, de que não é dispensado pelos organizadores, para além do nível que imprimiu a estes eventos de âmbito local, constituiu também uma forma de apoio às actividades culturais da paróquia e um sinal de abertura da Faculdade ao meio, a que pode fazer chegar a sua influência e presença, através dos seus docentes.

Acima de tudo, o Prof. José Amadeu Coelho Dias é um monge beneditino e, olhando para a sua produção historiográfica, é forçoso concluir que, a seguir à tese de doutoramento, a área de investigação a que dedicou mais estudos foi, sem dúvida, a história da Ordem de S. Bento, a que pertence, situando-se, por isso, ao nível dos grandes historiadores da própria Ordem, como Frei Leão de São Tomás, Frei António da Assunção Meireles e Frei Francisco de S. Luís, o conhecido Cardeal Saraiva, aos quais todos estamos imensamente gratos pelas informações que nas suas obras nos transmitiram, evitando que aspectos significativos da história beneditina em Portugal se perdessem na turbulenta voragem dos tempos, subsequentes à publicação do decreto de extinção das Ordens Religiosas, de 28 de Maio de 1834.

Conhecendo perfeitamente o ofício de historiador, dominado pela paixão de conhecer o passado da Ordem em que está integrado, há cinquenta e três anos, desde a profissão religiosa, em 1951, e conhecendo bem os Arquivos Distritais de Braga e do Porto, bem como o Nacional da Torre do Tombo e o do Vaticano, e tendo ao seu dispor o do Mosteiro de Singeverga, onde se guarda abundante documentação relativa a antigas comunidades beneditinas, não admira que o desejo de aprofundar o conhecimento da história da Ordem o impelisse a dedicar-lhe o tempo disponível.

O resultado desta preocupação de aprofundar o conhecimento histórico da sua Ordem traduziu-se em vinte e seis artigos – não podendo garantir se este número é exaustivo – que projectam imensa luz, quer sobre os mosteiros beneditinos no seu conjunto ou apenas sobre alguns, estudados individualmente, quer sobre alguns membros da Ordem ou sobre as diversas edições da *Regra de S. Bento*, feitas em Portugal e no Brasil, e ainda sobre outras edições de livros, levadas a bom termo por esta Ordem monástica, incidindo também alguns dos trabalhos do nosso homenageado em aspectos patrimoniais e de reflexão monástico-religiosa ou

⁴⁰ In *Séptimas Jornadas Culturais de Vila das Aves*, 1993, pp. 13-36.

⁴¹ In *Oitavas Jornadas Culturais de Vila das Aves*, 1994, pp. 29-59.

⁴² Ed. da Câmara Municipal de Santo Tirso, 1993, 87 p.

do quotidiano de algumas comunidades femininas. Quer isto dizer que o número e variedade dos estudos que o Prof. José Amadeu Coelho Dias, a pretexto dos mais variados motivos e reuniões científicas, foi escrevendo sobre a Ordem de S. Bento em Portugal, quer se trate dos tempos medievais, modernos ou contemporâneos, quer de aspectos de natureza institucional, cultural ou mesmo biográfica, é suficientemente vasto para poder reuni-los tipologicamente, a fim de sobre eles emitir rápidas impressões de conjunto, sem perder de vista que elaborou também outros estudos de natureza monástica ou simplesmente religiosa-mendicante, que não se podem integrar no esquema acima esboçado, mas que, nem por isso, deixarei de apreciar.

Para não deixar suspensas as afirmações feitas, pode-se afirmar que no estudo *O Mosteiro de Tibães e a Reforma dos Beneditinos portugueses no século XVI*⁴³, Frei Geraldo Coelho Dias, após uma síntese sobre a crise monástica que atingiu os Mosteiros Beneditinos, desde finais do século XIII até meados do século XVI, expõe o processo de reforma das comunidades beneditinas, levada a cabo pelos reformadores Frei Pedro de Chaves e Frei Plácido de Vilalobos, para o efeito enviados pelo Abade Geral, D. Fr. Diogo de Lerma, tendo o Mosteiro de Tibães passado a ser a casa-mãe da Congregação Beneditina portuguesa, ficando-se a saber também que, em 1569, os beneditinos professos eram apenas 85, dispersos por dez mosteiros e que Tibães tinha 15, enquanto o de Arnóia contava apenas três monges, número absolutamente indispensável para se poder dizer que havia comunidade religiosa.

Nesta rubrica urge incluir outros estudos, como *Os Beneditinos Portugueses e as sequelas da Revolução Francesa na «Arcádia Tibanense»*⁴⁴ e *Os Beneditinos e as vicissitudes do Mosteiro de S. Bento da Vitória*⁴⁵.

Para responder a diversas solicitações ou assinalar algumas efemérides, o Prof. José Amadeu Coelho Dias elaborou estudos exclusivamente consagrados a mosteiros individuais, pondo, assim, em relevo aspectos até então desconhecidos, relacionados com cada um deles, como se pode verificar pelos seguintes títulos: *O Mosteiro de Pombal e os Beneditinos nas origens de Felgueiras*⁴⁶, em que estuda a acidentada vida deste concelho em paralelo com a do importante mosteiro beneditino local, cuja grandiosidade se pode avaliar pelo que ainda subsiste, ou *O Mosteiro de Tibães no tempo de D. Lourenço Vicente (1374-1397)*⁴⁷, *O Mosteiro*

⁴³ In «Revista de História». Centro de História da Universidade do Porto, vol. XII, 1993, pp. 95-133.

⁴⁴ In *Actas do Colóquio "A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil"*, vol. II, Porto, FLUP, 1992, pp.151-196.

⁴⁵ In *Comemorações do 4.º Centenário da Fundação do Mosteiro de S. Bento da Vitória: Actas do Ciclo de Conferências*, Porto, Arquivo Distrital do Porto, 1997, pp. 25-40.

⁴⁶ In «Felgueiras-Cidade», Ano I, 1, 1993, pp. 39-52.

⁴⁷ In «Theologica», 2.ª Série, 33, 2, 1998, pp. 301-311.

das *Beneditinas de Bragança e as visitasões do Bispo diocesano*⁴⁸, que, através das cartas de visitação e de outras fontes para o efeito reunidas, nos ajuda a conhecer um pouco da sua vida interna e das obras aí realizadas.

Nesta mesma série integram-se *O Mosteiro de Rates e os Beneditinos*⁴⁹, bem como os dois artigos dedicados aos quatrocentos anos da fundação do Mosteiro da Vitória, de cujas comemorações centenárias foi o principal impulsionador, contando, é certo, com o apoio do Arquivo Distrital do Porto, aí sediado, a que acrescentou um terceiro, intitulado *S. Bento da Vitória e D. Gabriel de Sousa*.

Embora um pouco à margem desta rubrica, não queremos omitir a referência ao artigo *O órgão do Mosteiro de Pombeiro – (Felgueiras)*⁵⁰, em que, após referir a construção dos órgãos de vários mosteiros da Ordem, a partir das informações constantes dos *estados* ou relatórios trienais deste Mosteiro, nos permite acompanhar as fases da sua construção e conservação e conhecer as despesas e outros pormenores com ele relacionados.

O assíduo convívio com a antiga documentação beneditina estimulou-o a fazer emergir algumas figuras de beneditinos que sobressaíram no contexto da Ordem ou mesmo nos planos cultural ou político. Assim, começando por este último aspecto, deu a conhecer que o abade do Mosteiro de Bustelo, D. João Domingues, participou nas Cortes de Coimbra, de 1385, que aclamaram o Mestre de Avis Rei de Portugal, D. João I, sabendo-se também que ele e o seu convento beneficiaram de alguns privilégios régios⁵¹.

Prosseguindo no estudo de beneditinos célebres, brinda-nos com mais dois títulos deveras aliciantes, com repercussões no campo da arte e no domínio da literatura, respectivamente: *O beneditino D. Gonçalo de Moraes, bispo do Porto*⁵² (1602-1617), e *a transformação artística da capela-mor da Sé Catedral, e Frei João dos Prazeres, O. S. B. A polémica monástica e a literatura emblemática*⁵³.

A lista dos estudos sobre a Ordem Beneditina realizados pelo Sr. Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias é muito mais extensa e, apesar de não querer abusar da paciência de V.^{as} Ex.^{as}, peço licença para aludir a um conjunto de três artigos sobre aspectos da missão portuguesa, quer procedendo a *Uma releitura da obra*

⁴⁸ In *Páginas de história da Diocese de Bragança-Miranda. Actas do Congresso Histórico 450 Anos da Fundação*, 1997, pp. 445-468.

⁴⁹ In «Boletim Cultural Póvoa de Varzim», vol. XXXIV, 1998-1999, pp. 71-86.

⁵⁰ In «Revista de História». Centro de História da Universidade do Porto (CHUP)., vol. XIII, 1995, pp. 119.130.

⁵¹ *O Abade Beneditino de Bustelo nas Cortes de Coimbra de 1385*, in «Revista da Faculdade de Letras. História», Porto, II Série, vol. III, 1986, pp. 255-270.

⁵² In *I Congresso sobre a Diocese do Porto: Tempos e Lugares de Memória*, vol. I, Porto-Arouca, 2002, pp. 265-296.

⁵³ In «Revista de História», CHUP, separata do vol. II, 1979, 17 p.

*cristianizadora dos portugueses no século de Bartolomeu Dias*⁵⁴, *A Evangelização: Portugal e a política externa da Igreja no século XV*⁵⁵, este último elaborado, essencialmente, a partir de várias dezenas de bulas emanadas da Chancelaria Pontifícia sobre esta delicada questão, a que acrescentou um interessante artigo sobre o voto dos beneditinos dos tempos modernos de passarem além do mar, como forma de assegurar a continuidade do trabalho missionário.

Para terminar este percurso pela obra histórica do homenageado, gostaria de recordar dois estudos relacionados com as preocupações editoriais dos beneditinos portugueses, que, desde 1588, procuraram dispor de edições da *Regra*, dos livros litúrgicos específicos da Ordem, dos regulamentos, dos documentos régios de interesse para a Congregação, dos planos de estudos, etc., tendo as edições da *Regra*, feitas em Portugal e no Brasil, constituído o objecto da sua lição de agregação – *Problemática moderna da Regra de São Bento e suas edições em português. Lição de síntese*⁵⁶ –, cuja publicação seria extremamente útil e já demora.

Mas a sua obra histórica e literária é mais extensa e não poderia omitir a referência à tradução, apresentação e notas com que enriqueceu a edição do texto de Bernardo de Claraval – *Apologia para Guilherme, Abade*⁵⁷, prestando, assim, um notável serviço a quantos estão radicalmente impossibilitados de aceder a estes textos em língua latina. Também não poderia ficar sem referência um breve, mas interessante estudo sobre a divisa beneditina «*Ora et labora*»: à procura da origem da divisa beneditina⁵⁸, cuja formulação não parece ser anterior ao século XIX, embora o seu espírito remonte à vontade de Santo Fundador.

No seu vasto labor editorial, impõe-se registar, igualmente, a direcção da obra colectiva sobre *Cister no vale do Douro*⁵⁹, de que foi um dos colaboradores, com a *Introdução*⁶⁰ e o capítulo *Cister: Irradiação de espiritualidade e cultura*⁶¹, a sua intervenção directa no volume dedicado ao Mosteiro da Maia, intitulada *O Mosteiro de São Salvador: Os Crúzios em Moreira da Maia: História e Arte*⁶² e na preparação da edição da obra de D. Gabriel de Sousa – *Subsídios para uma «Biblioteca Benedictina Lusitana»: Escritores beneditinos naturais da cidade do*

⁵⁴ In *Congresso Bartolomeu Dias e a sua época. Actas*. Vol. V, Porto, 1989, pp. 455-468.

⁵⁵ In «Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira», vol. LIII, 1995, pp. 237-267. Publ. tb. in «Revista da Faculdade de Letras. História», Porto, II série, vol. XIV, 1997, pp. 139-166.

⁵⁶ Faculdade de Letras, 2002, 48 fls. (Inédita).

⁵⁷ In «Mediaevalia». Textos e estudos, Porto, vol. 11-12, 1997, pp. 7-76.

⁵⁸ In «Humanitas», Coimbra, n.º L, 1998, pp. 293-298.

⁵⁹ Edições Afrontamento, 1999.

⁶⁰ In *O. c.*, pp. 15-17.

⁶¹ In *O. c.*, pp. 19-42.

⁶² In *O Mosteiro Crúzio de Moreira. História, Arte e Música*, Paróquia de Moreira da Maia, 2000, pp. 24-46.

Porto⁶³, que apresentou, traçando-lhe, ao mesmo tempo, um sentido «*in memoriam*», sob o título *Apresentação e memória*⁶⁴, a que se deve acrescentar o elogio que lhe traçou na Academia Portuguesa da História: *Dom Gabriel de Sousa, OSB. Monge e Académico, Autor de “Escritores Beneditinos naturais da cidade de Lisboa»*⁶⁵.

Aponteí, em traços rápidos, as principais linhas da obra histórica do Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias, que se entregou à investigação histórica, com o mesmo afincamento que abraçou a docência, sem abandonar o interesse dedicado aos seus primeiros amores, que foram a Teologia e a Sagrada Escritura. Face a tão extensa e valiosa obra histórica, de que apenas mencionei os estudos indispensáveis para caracterizar as áreas mais frequentemente visitadas na sua qualidade de investigador, embora consciente de que a pressão do escasso tempo disponível obrigou a remeter os interessados para o extenso catálogo da exposição que vamos visitar, é com muita admiração que o louvo e felicito, direi mesmo, que todos o louvamos e felicitamos.

Neste momento, a terminar este breve excuro através da sua obra, desejo também:

- evocar e agradecer a disponibilidade do Colega e Amigo, sempre disponível para, além do serviço que lhe era distribuído no Departamento de História, colaborar na docência no Curso de Especialização em Ciências Documentais e, depois, na licenciatura em Ciência da Informação, bem como em congressos e colóquios e na «Revista da Faculdade de Letras. Série História», e na «Revista de História», que muito lhe devem;

- evidenciar a generosidade do Professor de fácil acesso, a que muitos antigos alunos se dirigiam em busca do apoio de que tinham necessidade;

- agradecer ao Colega e Amigo a simplicidade de trato, o espírito de sacrifício com que sempre assumiu uma carga horária superior à que legalmente lhe podia ser exigida para facilitar a distribuição do serviço lectivo e dizer-lhe que os Colegas não esquecem esses gestos;

- dar testemunho e agradecer ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias a excelente lição que a todos deu de profissional competente, na docência e na investigação, de dedicação ao serviço da Faculdade e de excelente relacionamento com os Colegas, Alunos e Funcionários.

⁶³ Porto, Organização do Arquivo Distrital do Porto, 1997, 245 p.

⁶⁴ In *O. c.*, pp.VII-XVI.

⁶⁵ Em *In memoriam de D. Gabriel de Sousa, OSB*. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2001. pp. 37-40, seguida da bibliografia do saudoso extinto, que, cuidadosamente, organizou (pp. 43-71).

JOSÉ MARQUES

Por tudo isto e interpretando o sentir geral, resta-me desejar-lhe longos anos de vida e muitas felicidades, agradecendo, ao mesmo tempo, à Ordem de S. Bento por ter autorizado um dos seus membros mais ilustres a colaborar connosco, ao serviço da Cultura, nesta Faculdade.

Bem haja!

Porto, 6 de Dezembro de 2004.